

**ORIGINALIDADE E MEMÓRIA: IGREJA DE  
NOSSA SENHORA DA MISERICÓRDIA.**

Ana Paula Ferreira de Brito

**Universidade Federal da Paraíba**

**João Pessoa  
2008**

## SUMÁRIO

1. Igreja de Nossa Senhora da Misericórdia.....	04
2. Objetivo.....	05
2.1 Objetivos específicos.....	05
3. Justificativa.....	06
4. Patrimônio.....	07
4.1. Restauração.....	08
4.2. Memória Social.....	09
5. Bibliografia.....	10

## 1. Igreja de Nossa Senhora da Misericórdia

Ao estudar sobre as origens das igrejas da cidade de João Pessoa, em especial as que compõem o Centro Histórico da mesma, podemos ver que os patrimônios são construídos geralmente por uma ordem religiosa. Seja dos Jesuítas que criaram o Seminário junto à Igreja de Nossa Senhora da Conceição, os Franciscanos que fundaram o convento de Santo Antônio e a Igreja de São Francisco, os Beneditinos que deram início ao Mosteiro de São Bento, os Carmelitas que criaram a Igreja de Nossa Senhora do Carmo e a Capela de Santa Tereza D' Ávila. Logo, pressupõe-se que a Igreja de Nossa Senhora da Misericórdia também proveria de algumas dessas ordens religiosas, mas não exatamente.

A Igreja de Nossa Senhora da Misericórdia descende das Santas Casas de Misericórdia, estas que são criadas por D. Leonor, viúva de D. João II e irmã do então Monarca D. Manuel II. A Irmandade de Nossa Senhora da Misericórdia é fundada em 15 de Agosto de 1498 na Capela de Nossa Senhora da Terra Solta, nos Claustros da Sé Patriarcal. O Papa Alexandre VI em 1499 regeu e instituiu as quatorze obras de misericórdia que deviam ser seguidos pelos irmãos, devendo servir de modelo para todas as Misericórdias do país. Estas Santas Casas deveriam atender as viúvas, os órfãos, os pobres, as crianças enjeitadas e a todos que necessitassem de ajuda. Na Filipéia de Nossa Senhora da Neves, o Hospital da Santa Casa, também chamado de Hospital da Caridade, funcionava atrás da Igreja de Nossa Senhora da Misericórdia, de frente a Rua Visconde de Pelotas, isso no século XVII. Devido a inúmeros fatores o hospital foi demolido em 1924, onde foram edificados imóveis para aumentar os recursos da Irmandade.

Na segunda entrada do Ouvidor Geral Martim Leitão à Filipéia de Nossa Senhora da Neves em 1585, trouxe consigo famílias, soldados e padres da Companhia de Jesus. E entre essas pessoas, veio Duarte Gomes as Silveira. Que representou muitíssimo para o povoamento da Capitania da Paraíba. Participou de expedições chefiadas por Martim Leitão contra os Franceses por disputas por pau-brasil. Em 1630 participou da luta contra os Holandeses, contribuindo para a construção do Forte Santo Antônio, na margem oposta de Cabedelo.

Duarte Gomes da Silveira custeou sozinho a construção da Igreja de Nossa Senhora da Misericórdia em 1612, onde edificou a capela do Nosso Senhor Salvador do Mundo, e instituindo o Morgado( Em 1639, criou o Morgado com a finalidade de que seus sucessores na administração, não vendessem ou transferissem de alguma forma quaisquer bem vinculado a Capela Salvador do Mundo. De modo que se o fizessem perderiam o cargo, que passaria para outro herdeiro.).

É uma das igrejas mais antigas da cidade de João Pessoa, sendo a única que possui sua fachada original, bem como boa parte de seu interior. Foi matriz algumas vezes como em 1671. Isso se dava à medida que a Igreja Matriz passava por reformas ou necessitava de reparos, não que tenha sido feita com uma intencionalidade de ser matriz. Através da arquitetura podemos ver isso, à medida que a mesma não possui torres como as igrejas que eram construídas para serem igrejas matrizes. Localizada a Rua Duque de Caxias, no Centro, foi o primeiro monumento tombado pelo IPHAN na capital paraibana, em 1938.

Sua arquitetura hoje é uma mescla do maneirismo principalmente em sua fachada que não possui adornos nem ornamentações tão pretensiosas como as do Barroco, mas sua finalidade era proteção, e de fato era um lugar seguro. Nas janelas frontais também se apresenta o estilo maneirista. Nas janelas laterais podemos ver o Barroco com todos seus detalhes e contornos. Encontra-se também o estilo Neo-Clássico no Altar do Santíssimo, na parte central da igreja.

## **2. Objetivos**

Este trabalho que se constitui em uma pesquisa inicial sobre o tema abordado, objetiva analisar de forma patrimonial e histórica a Igreja de Nossa Senhora da Misericórdia em João Pessoa.

### **2.1 Objetivos específicos**

Analisar os bens tangíveis e não tangíveis da Igreja de Nossa Senhora da Misericórdia, construída em 1612 e tombada pelo IPHAN. Visto que a mesma é a única das igrejas de João Pessoa que possui seu interior original.

Pretende-se observar a arquitetura, os critérios de restauração pela qual a mesma sofreu atualmente, o entorno deste patrimônio supracitado, bem como a memória social que justifica a sua preservação. Pois segundo Márcia Scholz o patrimônio é interligado com a cultura.

Logo, a contextualização cultural será enfatizada, visto que tal patrimônio conserva em seu interior os restos mortais do responsável pela construção da igreja, Duarte Gomes da Silveira. Para tanto, pretende-se observar a identidade cultural daquele povo e suas crenças.

### **3. Justificativa**

Este trabalho surgiu através das aulas do professor Francisco de Sales Gaudêncio, que oferta a disciplina de Estágio Supervisionado II no Departamento de História, do CCHLA, da Universidade Federal da Paraíba. E a partir da leitura de um Guia de Turismo da cidade de João Pessoa, foi notado que a Igreja de Nossa Senhora da Misericórdia não estava com a notificação de tombamento. Diferente de outras igrejas mais recentes, que possuem a notificação de tombamento.

Esse fato despertou a curiosidade acerca dos critérios de tombamento, tendo em vista o entendimento dos motivos pelos qual a igreja supracitada não ter sido tombada. Visto que carrega consigo a originalidade mantida, ter sido matriz até 1671, além de representar boa parcela da memória social do Brasil Colonial.

E essa memória se dá à medida que a Igreja era a guardiã da sociedade patriarcal e religiosa no Brasil colônia e império. E esta importância para as igrejas se estende também para a colonização, assim como ferramenta de poder da Coroa Portuguesa. Pe. Manoel Medeiros (IHGP) afirma que “a igreja católica no Brasil, portanto na Paraíba, tinha dois governos”. “Um canônico, com o Papa e os Bispos à frente, e o outro imperial, com os reis de Portugal e depois do Brasil.”. Essa relação durou até a República, quando houve a cisão da Igreja e do Estado.

A religião dispunha de grande poder. As ordens religiosas desfrutavam de muitas propriedades, escravos e engenhos. Pode-se ver notoriamente o poder que a religião tinha em 1595, quando o Tribunal do Santo Ofício fez uma visitação a Paraíba, durante a Inquisição. Neste período, a população pôde ver a importância da religião nas disputas pelo poder.

Diante de tanta importância, debruicei-me na pesquisa da história da Paraíba, bem como das ordens religiosas. Tais como os Jesuítas, os Franciscanos, os Beneditinos e os Carmelitas. A compreensão da arquitetura também se fez necessário.

### **4. Patrimônio**

O patrimônio é um conjunto de bens culturais que possuem alguma importância no setor arqueológico, paisagístico, etnográfico, histórico e de belas artes. Podem se apresentar através de bens móveis e imóveis.

Quanto a o que poderia ser considerado um patrimônio, a resposta caminha com uma amplitude bem maior que a imaginada, pois o patrimônio funciona, ou pelo menos deveria funcionar como uma ponte que nos leva diretamente a memória, que por sua vez nos remete ao passado.

Sua extensão vai desde documentos, acervos museológicos, bibliográficos, videográficos, fotográficos e outros.

Maria Clementina da Cunha, historiadora da UNICAMP, fala que esse resgate realizado pelo patrimônio é também “importante para resgatar o passado e uma noção de cidadania do povo, subtraída pela memória instituída”.

“O patrimônio é dividido em três grupos. São estes: elementos pertinentes à natureza; elementos não tangíveis (compreende toda a capacidade de sobrevivência do homem no seu meio ambiente); e os bens culturais que reuni todo tipo de bem, proveniente do meio ambiente e do saber fazer”.

Carlo A. C. Lemos( O que é Patrimônio Histórico)

Logo podemos concluir que a definição de Patrimônio é ampla e dispõe de respostas longas, onde podem ter nivelamentos de historiadores, ambientalistas, geógrafos, arqueólogos entre outros profissionais.

Resumidamente podemos considerar como sendo Patrimônio, todo e qualquer bem, seja ele de valor tangível ou não-tangível, que possa resistir ao passado, transpor as cadeias do presente e ultrapassar as barreiras do futuro, tendo algum valor para um povo, remetendo a estes o passado e toda a memória circunscrita nele.

Não devendo restringir o patrimônio a bens móveis e materiais, como se fazia antes de 1980. Todavia deve-se ampliar este conceito sem esteriótipos e conceitos pré-concebidos estimulados por uma visão que abrange exclusivamente os interesses do mercado de consumo, maquiando o patrimônio cultural para ofertá-lo como uma mercadoria. Não se esquecendo que “o patrimônio é interligado diretamente com a cultura, que por sua vez é uma herança comum para toda a humanidade” (KERSTEN, Márcia Scholz de Andrade. Os rituais de tombamento e a Escrita da História).

Tendo monumentos intencionais, que se configuram em obras destinadas à memória, e monumentos não-intencionais que são importantes pelo que representam no presente.

## **4.1 Restauração**

A Igreja da Misericórdia passou por um longo processo de restauração pelos alunos da Oficina-Escola de João Pessoa. Um projeto da Comissão Permanente de Revitalização do Centro Histórico João Pessoa e recursos do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN, em conjunto com a Agência Espanhola de Cooperação Internacional – AECI, Governo do Estado da Paraíba e Prefeitura Municipal de João Pessoa.

As obras foram concluídas no final do primeiro semestre do ano de dois mil de sete, com uma estimativa de gastos entre R\$ 342 e R\$ 400 mil reais.

A igreja recebeu intervenções nas fissuras de alvenaria, correção na antiga sacristia, prospecção na capela salvador do mundo, afloramento da estrutura em pedra calcária na área central, remoção mecânica na repintura no arco do cruzeiro e da segunda camada aplicada de pintura sobre a pintura. Além da cobertura de teto, nivelamento das estruturas e execução de parafusos para a cobertura da capela-mor. Sendo este projeto ratificado pelo processo de tombamento do núcleo urbano original da cidade, que se encontra em andamento. Sendo esta revitalização um projeto amplo, que visa todo o Centro Histórico de João Pessoa, fruto de 20 anos de parceria entre o IPHAN e a AECI, com os apoios dos governos.

E esta parceria tem rendido um excelente legado histórico e arquitetônico para a humanidade, além de formar alunos na Oficina-escola (mais de 86, na localidade). Tais alunos são dos cursos de Arqueologia, Jardinagem, Serralharia, Marcenaria e Alvenaria.

## **4.2 Memória Social**

Para Jacques Le Goff, o conceito de memória é crucial, todavia seria “propriedade de conservar certas informações”( História e Memória, 1996, pg. 423).

Como foi citado na justificativa, a memória se dá primeiramente à medida que a Igreja era a guardiã da sociedade patriarcal e religiosa no Brasil colonial e imperial.

O fundador da Igreja, Duarte Gomes da Silveira desde a sua criação já possuía uma consciência patrimonial, ainda que este termo não fosse utilizado na época. A criação dos Morgados, não possui senão um ideal posterior da memória social e da preservação do patrimônio. Wilson N. SEIXAS cita que “ Duarte Gomes da Silveira deixou em sua aludida escritura uma clausula ou condição na qual se proibia a venda ou alienação de quaisquer bem vinculado à Capela Salvador do Mundo, sob pena de perder a administração do Morgado” ( Revista do IHGP, Setembro 1995, pg. 98).

A memória social, serve além de outras qualificações, para manter vivos os ideais de cidadania e preservação. Duarte Gomes da Silveira ainda é vivo na memória histórica e patrimonial da Paraíba. Ainda hoje existe dentro da Igreja da Misericórdia, na Capela Salvador do Mundo, um escudo esculpido em pedra calcárea, que é o brasão dos Gomes, dos Bezerras e dos Silveiras. Sem mencionar os restos mortais que estão dentro da igreja. Todavia isso já seja refletido na contextualização cultural e religiosa do período. Onde as pessoas queriam ficar mais próximas possíveis das orações.

Havia é claro requisitos para depósitos dos restos mortais das pessoas nos jazigos dentro da igreja. Podemos ver que as pessoas com mais posses e geralmente crianças e mulheres ficavam mais próximas ao altar, na parte lateral do templo, os outros de classe mais baixa, todavia não tão baixa, ficavam em outra área resguardada para este fim. E isso se deu até ser promulgada uma lei que proibia o sepultamento nos jazigos dentro da igreja.

## **5. Bibliografia**

CARLOS, A. C. Lemos. **O que é patrimônio Histórico**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1982.

In: **O Direito à Memória: Patrimônio Histórico e Cidadania**. São Paulo: Departamento de Patrimônio Histórico, 1992.

LE GOFF, Jacques, **História e Memória**. Tradução Bernardo Leitão. São Paulo: Editora da UNICAMP, 1996.

MACEDO, Carlos. **Guia Mais João Pessoa**. Guiamaiscomunicação. João Pessoa, 2008

KERSTEN, Márcia Scholz de Andrade. **Os Rituais de Tombamento e a Escrita da História**. Curitiba: Editora da UFPR, 2000.

Revista do Instituto Histórico e Geográfico da Paraíba. Setembro de 1995.

Revista do Instituto Histórico e Geográfico da Paraíba, Maio de 2001.

[www.iphan.com.br](http://www.iphan.com.br) , acessado em 12/05/2008

[www.auniao.com.br](http://www.auniao.com.br) , acessado em 15/05/2008

[www.comciencia.br](http://www.comciencia.br) , acessado em 18/06/2008

